

Sobre o problema das fontes filosóficas no *Laelius vel De amicitia* de Marco Túlio Cícero

José Carlos Silva de Almeida

Universidade Federal do Ceará

1. A DATAÇÃO DA OBRA

Provavelmente iniciado após os acontecimentos marcantes dos idos de março de 44 a.C. e concluso antes de novembro do mesmo ano, o texto do *Lélio ou Da amizade (Laelius vel De amicitia)* de Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.) nos coloca, durante a fase de redação, diante de dois momentos distintos vividos pelo autor: o primeiro deles diz respeito ao período sucessivo à morte de Júlio César e corresponderia a um momento de euforia no qual Cícero alimenta a esperança de retomar o seu lugar no senado e de restabelecer a República romana então em crise, enquanto o período relativo ao verão-outono de 44 a.C. seria marcado por uma maior tensão e amargura face à constituição do 2º triunvirato (Otávio Augusto, Emílio Lépidio e Marco Antônio) e suas pretensões de poder e vingança.

2. O DESTINATÁRIO DA OBRA

Cícero escreveu o *Lélio ou Da amizade*¹, conforme nos relata, atendendo a uma solicitação de Tito Pompônio Ático: “Frequentemente

¹ Utilizamos o texto *Da amizade* de Marco Túlio Cícero traduzido por Gilson Cesar Cardoso de Souza e publicado pela editora Martins Fontes de São Paulo em 2001, na Coleção Breves Encontros.

me pedias que escrevesse alguma coisa sobre a amizade: pareceu-me, pois, que seria esse um tema digno do conhecimento de todos e da amizade que nos une. Assim, escrevi o livro não a contragosto, mas a instâncias tuas, para ser útil a muitos”².

Ático não foi simplesmente mais um amigo de Cícero, mas o amigo por excelência. Quatro anos mais velho que o Arpinate, pertencia a uma rica família de condição equestre e de origem antiquíssima, descendente do rei Numa Pompílio. A amizade com Cícero remonta à juventude, ao tempo no qual os dois frequentavam a casa do velho jurisconsulto Múcio Cévola e as lições do epicureu Fedro. Manteve-se longe da política para dedicar-se exclusivamente ao estudo e à editoração. A escolha por abster-se da vida política teria sido decorrente de um episódio sangrento que Cícero faz alusão no §2 do *Da amizade*: um parente de Ático, chamado Públio Sulpício Rufo, amigo pessoal de Mário o Jovem, foi brutalmente assassinado pelos sicários de Sila em 88 a.C. Ático decidiu então deixar Roma e dirigiu-se para a Grécia, onde residiu por mais de vinte anos (deste fato advém o sobrenome “Ático”). Regressado a Roma, desenvolveu um importantíssimo papel de difusão cultural a ponto de merecer, sucessivamente, a fama de maior editor da antiguidade (permitiu a publicação de algumas obras de Cícero, dentre as quais diversas orações). Ocupou-se de pesquisas genealógicas sobre algumas famílias aristocráticas romanas e escreveu um *Liber annalis*, panorama da história de Roma desde as origens até o seu tempo, que Cícero teria utilizado em muitas indicações cronológicas do diálogo *Catão, o Velho ou Da velhice* redigido nos primeiros meses de 44 a.C. O longo percurso da amizade entre Ático e Cícero, o primeiro recolhido nos estudos, o segundo todo envolvido na luta política, pode ser observado nos 16 livros das *Epístolas a Ático*, que iniciam por volta de 68 a.C. até chegar a poucos meses antes da morte do Arpinate em 43 a.C., e no retrato da amizade ideal entre Lélio e Cipião no *Da amizade*. Em Lélio, protagonista da obra, “tanto sábio (pois assim era considerado) como eminente pela célebre amizade”³, afirma Cícero no diálogo, Ático podia reconhecer-se imediatamente. Como na dupla Ático-Cícero, Lélio é o intelectual, mais inclinado aos estudos e à reflexão, Cipião é o homem da ação política e militar.

² CÍCERO. *Da amizade* §4, pp. 7-8.

³ CÍCERO. *Da amizade* §5, p. 9.

3. A FORMA DIALÓGICA E A ÉPOCA FICTÍCIA

Todas as obras filosóficas de Cícero que chegaram até nós, exceto o *Sobre os deveres* apresentam estrutura dialógica. Em todas elas, afora as *Disputas Tusculanas*, na qual os interlocutores são anônimos, o diálogo ocorre entre antigos personagens, entre expoentes da aristocracia romana ligados ao Círculo dos Cipiões. É o próprio Cícero, no *Da amizade*, que justifica a escolha de antigos personagens (*antiqua persona*): “É que esse gênero de dissertações, apoiado na autoridade dos antigos (e dos mais ilustres entre eles), parece adquirir, não sei por que, mais peso”⁴.

O cenário do diálogo é o ano de 129 a.C. A indicação da data nos é fornecida de modo vago no *Da amizade*: “Ora, justamente naquele dia Cévola, após mencionar esse fato, contou a conversa que Lélcio travara com ele e com seu outro genro, Caio Fânio, filho de Marco, a respeito da amizade, alguns dias depois da morte do Africano”⁵.

É possível que para a ambientação no passado Cícero tenha adotado o costume de Heráclito Pôntico, discípulo de Platão, de introduzir nos seus diálogos, segundo nos relata Diógenes Laércio⁶, personagens históricos: filósofos, políticos, generais, etc. Uma carta de Cícero ao irmão Quinto nos confirma que o Arpinate tinha presente o modelo de Heráclito Pôntico:

Quando li esses livros para Salústio, em Túsculo, fui advertido por ele que esses assuntos poderiam ser discutidos com muito mais autoridade se eu fosse um dos próprios interlocutores da república, principalmente porque eu não era um Heráclito Pôntico, mas um cônsul, e extremamente versado nos assuntos da república”⁷.

Admitida tal influência, não podemos esquecer que a ambientação no passado encontra uma forte razão ideológica no pensamento conservador romano que atribuía grande autoridade e exemplaridade aos antepassados (*maiores*). No *Da amizade* é sempre presente a exalta-

⁴ CÍCERO. *Da amizade* §4, p. 9.

⁵ CÍCERO. *Da amizade* §3, p. 6.

⁶ DIÔGENES LAÉRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* V, 89, p. 150: “Entretanto, Heraclides tinha também um estilo intermediário – o da conversação –, que usa quando os filósofos, generais e estadistas conversam entre si”.

⁷ BERNARDO. *Apresentação e tradução à Epístola Ad Quintum Fratrem III, V e VI*, p. 242. O passo citado encontra-se na epístola III, 5, 1.

ção do *mos maiorum* e da *sapientia romana*, entendida não tanto como teorese pura, mas como conhecimento prático e bom senso político. Na oposição entre *mos maiorum* e *doctores graeci*, oposição que exclui rupturas, mas almeja uma síntese entre as duas culturas, delineia-se outra característica do diálogo: não se trata de uma dissertação acadêmica tida por filósofos profissionais, mas sim de conversas agradáveis entre amigos. “Tratemos do assunto [amizade], pois, com o nosso critério tosco, como dizem”⁸, com bom senso e praticidade afirma Lélíio. Explica-se dessa forma o uso de muitas expressões coloquiais no texto e o caráter frequentemente assistemático da argumentação, que parece nascer espontaneamente seguindo o fluxo dos pensamentos⁹.

O discurso entre bons amigos não é, porém, um confronto de posições diferentes, conforme os esquemas existentes no diálogo socrático-platônico. As poucas e breves palavras trocadas entre as personagens na abertura do diálogo são somente um estímulo para que Lélíio, no *Da amizade*, desenvolva uma abordagem ininterrupta. Mais do que um diálogo, encontramos-nos diante de um verdadeiro monólogo. Por um lado a escolha da forma narrativa parece referir-se diretamente ao diálogo aristotélico, no qual o protagonista é porta voz do autor; por outro lado, porém, encontra correspondência também nos últimos diálogos platônicos, caracterizados por monólogos mais extensos, e depois, na Nova Academia, onde há certo peso a influência dos exercícios escolares. A estrutura do discurso continuado conserva, todavia, de modo claro, um movimento dialógico interno, devido ao alternar-se de ideias diferentes ou opostas e ao continuo variar dos tons.

4. ESTRUTURA E CONTEÚDO DO DIÁLOGO

O preâmbulo do *Lélíio ou Da amizade* pode ser dividido em duas partes. Nos três primeiros parágrafos Cícero explica como tomou conhecimento do discurso de Lélíio sobre a amizade e como pretende referir-se a ele, conservando-lhe o essencial, mas com estilo pessoal (*arbitratu meo*). Nos dois parágrafos seguintes (§§4-5) Cícero dedica a obra a Ático e introduz as personagens que dialogarão sobre a amiza-

⁸ CÍCERO. *Da amizade* §19, p. 26.

⁹ Cícero teoriza no §144 do *Orator* que quer ensinar com espontaneidade e prazer, e não com métodos didáticos e pedantes.

de: Lélío, Fânio e Cévola. Este último será o responsável por apresentar o discurso para Cícero.

O preâmbulo nos coloca diante de três distintas fases temporais: a dedicatória a Ático nos introduz na época da composição do diálogo, o ano de 44 a.C.; a menção aos dois mestres de Cícero, a saber, Cévola o Áugure e Cévola o Pontífice, nos transporta aos anos da adolescência e da formação cultural do Arpinate; a recordação da parte de Cévola o Áugure do discurso sobre a amizade tido, em presença sua e de Fânio, por Lélío, coloca a cena em 129 a.C., ano da morte de Cipião Emiliano, grande amigo de Lélío e seu companheiro em tempo de paz e de guerra.

É a morte de Cipião o motivo ocasional do *Da amizade*: Fânio e Cévola, poucos dias após a morte do Emiliano, fazem uma visita a Lélío, o sogro deles. O diálogo ocorre, portanto, em um ambiente familiar, entre personagens cultos pertencentes ao Círculo de Cipião e se desenvolve em um momento de ócio: “Mas como falaste da amizade e estamos desocupados, imenso prazer me darias, assim como a Cévola decerto”¹⁰, ou seja, no momento preferido pelos nobres romanos para dedicar-se aos interesses culturais deles.

O início do diálogo (§§6-15) é *in medias res*¹¹: Fânio, mais velho que Cévola, toma a palavra e pergunta a Lélío como este consegue suportar com tanta força e coragem a perda do amigo. A tal indagação Lélío responde encontrar forças na esperança de que sua amizade com Cipião, amizade estabelecida em princípios que se harmonizavam perfeitamente, seja lembrada para sempre. Fânio propõe em seguida a Lélío que lhes diga “o que pensas da amizade (*quid sentias*), como a avalias (*qualem existumes*), quais preceitos lhe dás (*quae praecepta des*)”¹². Diante da tripartição do argumento, que encontra correspondência na fórmula com a qual Aristóteles abre a *Ética a Eudemo*¹³, não é oferecida em seguida uma explicação pontual. Com efeito, Lélío, respondendo

¹⁰ CÍCERO. *Da amizade* §16, p. 23.

¹¹ *In media res* (“no meio das coisas” em latim) é uma técnica literária onde a narrativa começa no meio da história, em vez de no início (*ab ovo* ou *ab initio*). Os personagens, cenários e conflitos são frequentemente introduzidos através de uma série de flashbacks ou através de personagens que discorrem entre si sobre eventos passados.

¹² CÍCERO. *Da amizade* §16, p. 23.

¹³ Fânio, mais velho que Cévola, toma sempre a iniciativa do discurso e propõe no §16 a divisão do tema segundo um esquema aristotélico presente na abertura da seção da *Ética a Eudemo* relativa à amizade (Cf. 7, 1, 1234b 18 ss.).

aos dois jovens¹⁴, se recusa por incompetência a tratar o argumento segundo os esquemas dos *doctores graeci*. Limitar-se-á a pronunciar uma exortação para demonstrar a insubstituibilidade da amizade “pois nada há que tanto se conforme à nossa natureza, nem convenha mais à felicidade ou à desgraça”¹⁵.

O tratado sobre a amizade pode ser lido também como um discurso parenético, no qual a exaltação da amizade se une ao elogio da virtude (*virtus*), fundamento moral de todo relacionamento sério e duradouro. Não é por acaso que o discurso de Lélcio se concluirá com uma ulterior exortação à virtude: “Exorto-vos agora a atribuir à virtude, sem a qual não existem amigos, um valor tal que, à exceção dela, nada julgueis superior à amizade”¹⁶.

No §20 nos é apresentada a definição de amizade (*amicitia*): ela “nada mais é que o acordo perfeito de todas as coisas divinas e humanas, acompanhado de benevolência e afeição, e creio que, exceto a sabedoria, nada de melhor receberam os homens dos deuses”¹⁷. A amizade pode existir somente entre “homens bons” (*boni viri*). No *Da amizade* tal expressão se insere no tecido social e político romano e indica o homem político que age em defesa da ordem constituída contra a demagogia dos “populares”. Os nobres personagens do passado de Roma, dentre todos os Cipiões primeiramente, são exemplos de “homens bons” e de perfeita amizade.

Uma vez mais solicitado pelos genros, Lélcio passa a ilustrar a origem e a essência da amizade (§§26-32). Ela encontra a sua origem na natureza: “Penso, pois, ser a natureza e não a indigência a fonte da amizade, uma propensão da acompanhada por um sentimento de amor, nunca o cálculo do proveito que dela se auferirá”¹⁸. É de fato um impulso natural que move o homem a amar a virtude nos outros. A amizade, portanto, não nasce da necessidade ou utilidade (*utilitas*), como acreditam os epicureus: “Eis como a amizade propicia as maiores vantagens, estando a sua origem mais verdadeira e mais profunda na natureza, não na indigência. Pois, se as vantagens estreitassem os

¹⁴ Cf. o §17 do *Da amizade*.

¹⁵ CÍCERO. *Da amizade* §17, p. 24.

¹⁶ CÍCERO. *Da amizade* §104, p. 116.

¹⁷ CÍCERO. *Da amizade* §20, p. 28.

¹⁸ CÍCERO. *Da amizade* §27, p. 39.

laços da amizade, esses se desatariam quando aquelas cessassem. Todavia, como a natureza não pode mudar, as verdadeiras amizades são eternas”¹⁹. Lélío opõe assim a eternidade e a imutabilidade da amizade verdadeira e perfeita à transitoriedade das amizades nascidas da utilidade (e da aliança política).

A esta altura abre-se a seção mais política do diálogo. Lélío, a partir do §33, trata o problema da conservação e dos limites da amizade através de uma série de exemplos negativos dentre os quais se destaca Tibério Graco, cuja figura de ambicioso demagogo e subversor da ordem, parece reenviar polemicamente a Júlio César. A menção aos aliados de Tibério Graco, primeiramente Caio Blóssio Cuma, ganha os contornos de uma crítica dirigida aos amigos de César que lhe permaneceram fiéis também após o seu assassinato. A crítica parece ser endereçada em particular ao cesariano Mazio, com quem Cícero teve uma troca de cartas em 44, concomitantemente à redação do *Da amizade*. Cícero parece reprovar Mazio, que é também seu amigo, por ter permanecido fiel a uma amizade e a um ideal político danosos ao estado. As palavras de Lélío são duras: “Eis, pois, a lei da amizade que se deve estabelecer: nada pedir de vergonhoso, nada de vergonhoso conceder. É infame e absolutamente inaceitável querer desculpar uma má ação, em especial a que ameaça à República, declarando que foi cometida por causa de um amigo”²⁰.

O discurso prossegue com uma seção dedicada à escolha dos amigos, que devem ser dotados de firmeza, estabilidade e coerência (§§62-66), e à aplicação na prática da amizade (§§67-78), na qual se reafirma a natureza essencialmente social do homem. A parte final do diálogo é reservada à exaltação da sinceridade e à condenação da dissimulação dos demagogos como Papírio Carbone, colega de Tibério Graco no tribunate de 131. Após um ulterior elogio da virtude (§100), é a recordação da amizade entre Lélío e Cipião a ser indicada como exemplo para as gerações futuras.

É possível observar, no decorrer da leitura do diálogo, que a abordagem de Cícero sobre a amizade procede sem um fio condutor. O tema de fundo, mais do que ser desenvolvido segundo coordenadas lógicas, vem fragmentado em uma série de reflexões, comentários,

¹⁹ CÍCERO. *Da amizade* §32, p. 45.

²⁰ CÍCERO. *Da amizade* §40, pp. 53-54.

exortações, acenos polêmicos e recordações marcados por repetições e incoerências. Também a passagem de um tema a outro se faz de modo abrupto sem que se possa colher-lhe as consequências. Os estudiosos, procurando as razões de tal desorganização, formularam várias hipóteses que vão desde uma dupla redação da obra, passando por acréscimos tardios e uma reconstrução do preâmbulo através de um acréscimo posterior. A crítica mais recente tem sido bastante concorde ao considerar unitária a obra. Segundo tal crítica, as repetições pode encontrar uma justificação na técnica da amplificação (*expolitio*)²¹ teorizada por Cícero na *Retórica a Erênio*. A ausência de coerência e de unidade na composição da obra pode refletir as dificuldades encontradas por Cícero ao combinar temas e esquemas filosóficos gregos com outros tipicamente romanos.

Cícero, de fato, tenta uma difícil síntese entre o conceito tradicionalmente romano de *amicitia*, concebida principalmente como aliança política entre *gentes*, e o valor absoluto e autônomo de *philia*. Nesta tentativa se colhe toda a tensão da abordagem ciceroniana, na qual encontram espaço as profundas lacerações do momento presente da composição. De resto, também o termo *amicitia*, no decorrer da obra, se apresenta com várias significações: indica a amizade perfeita ou vulgar (§22), privada ou política (§§5 e 23), familiar ou cósmica (§§19 e 24). É uma polissemia que contribui para criar muitas ambiguidades. Para remediar tais incertezas e para distinguir os vários níveis de amizade, Cícero usa sinônimos como *familiaritas* (com o qual define a relação entre Lélcio e Cipião, entre ele e Ático, e que parece indicar o tipo mais íntimo e confidencial de relação), *consuetudo*, *necessitudo* e várias perífrases. Ao mesmo tempo em que nos apresenta os argumentos desenvolvidos por Lélcio e Cipião sobre a amizade, emprega uma expressão pouco adaptada a definir a amizade espontânea e confidencial: *ius amicitiae*. Trata-se de um “código”, de um “estatuto” da amizade, que compreende normas específicas orientadas a regular as relações interpessoais (toda uma seção do diálogo é de fato reservada a expor e a comentar as “leis” e os “preceitos” da amizade). A expressão é rara e extraída da linguagem jurídica: à luz do discurso geral parece sancionar a amizade como discurso que estabelece vínculo e obrigação entre

²¹ Figura retórica de amplificação que consiste em desenvolver uma ideia mediante repetição, argumentação minuciosa e enumeração detalhada dos aspectos parciais em que se divide.

boni viri, baseado sobre a *virtus*, sobre a *fides*, sobre a *paritas*, sobre a *verecundia*, princípios básicos da ética patrícia e conservadora romana.

A partir dessas considerações surgiram duas interpretações acerca do diálogo. Uma delas afirma que o *Da amizade* é fundamentalmente uma disputa filosófica. Nela, Cícero busca superar o significado político da tradicional amizade romana (*amigo* em Roma é quem pertence ao mesmo partido político, enquanto que a *amizade* é entendida como a aliança internacional) e propor um valor absoluto e ideal de amizade que muito deve à filosofia grega. Uma segunda interpretação postula que o *Da amizade* é um tratado de tons e conteúdos políticos. Trata-se de um apelo aos “homens bons” (*boni viri*) a fim de que se unam em torno ao novo Lélcio no momento do perigo. A confirmação a esta interpretação parece vir de todas as alusões à realidade contemporânea a Cícero contidas na parte central do diálogo, a mais política, tais como os ataques exasperados às amizades utilitaristas e ao epicurismo que propunha a amizade como liame privado (são numerosas e violentas as críticas dirigidas por Cícero ao “viver escondido” dos epicureus), os tons das invectivas contra os populares e os seguidores de Tibério Graco (contra os partidários de César nas entrelinhas).

5. AS FONTES DO DIÁLOGO

Por ocasião da redação do *Da amizade*, Cícero tinha à disposição uma vasta abordagem do tema da amizade seja em âmbito grego, seja em medida muito menor no latino. Os filósofos pré-socráticos fazem da amizade e do ódio as forças que animam a natureza. No do *Da amizade*, Lélcio recorda a teoria de Empédocles de Agrigento segundo a qual todas as coisas imóveis ou em movimento na natureza e no universo devem a coesão à amizade e a divisão à discórdia: “Houve mesmo, em Agrigento, um sábio que, em poemas escritos em grego, proclamava que tudo o que existe e se move na natureza é unido pela amizade e desagregado pela discórdia”²². Xenofonte, nos *Memoráveis*²³, apresenta Sócrates empenhado em discutir sobre a escolha dos amigos e o cuidado devido a eles, bem como a refletir sobre as dificuldades que nascem na prática da amizade. Também para o Sócrates de Xenofonte, como

²² CÍCERO. *Da amizade* §24, p. 34.

²³ Cf. XENOFONTE. *Memoráveis* II, 2-10.

para Cícero, a amizade nasce da natureza: “Os homens possuem, por natureza, tendências para a amizade, porque precisam uns dos outros: sentem compaixão, ajudam-se trabalhando em conjunto e, conscientes dessa situação, mostram-se agradecidos uns aos outros”²⁴. Todavia os termos “amizade” e “necessidade” não estão em contraste, enquanto a necessidade é concebida como alguma coisa de natural.

Platão, no *Lísida* e no *Banquete*, trata, ainda que por ângulos diferentes, da origem, do desenvolvimento e do fim da amizade. De modo particular no passo 214 a-e do *Lísida*, Sócrates discute um problema que retorna no *Da amizade*: se a amizade nasce da afinidade, se o semelhante é amigo do semelhante, segue que os bons são amigos dos bons (os maus, ao invés, não são jamais semelhantes nem mesmo a si mesmos, mas são inconstantes e incertos). Para Sócrates é o ponto de partida de um debate que não chega a nenhuma conclusão, para Cícero é o pressuposto indiscutível de toda argumentação.

Com o costumeiro rigor, o tema da amizade é desenvolvido por Aristóteles na *Ética Eudemia*, na qual distingue três tipos de *philia* (estabelecida sobre a virtude, sobre a utilidade e sobre o prazer) e na *Ética a Nicômaco*. Cícero definindo a amizade *omnium divinarum humanarumque rerum cum benevolentia et caritate consensio*²⁵, parece representar, nos conceitos de *benevolentia* e *consensio*, a *eunoia* e *homonoia* da *Ética a Nicômaco*, ainda que carregando-os com uma forte conotação política. Parece ao invés derivar do estoicismo a ideia de que a *vera et perfecta amicitia* nasce da *virtus*, enquanto aquela *vulgaris et mediocris* tenha origem na *utilitas*: Cícero reconecta de fato a amizade ideal à natureza, que permite, com um impulso “inato”, reconhecer e admirar nos outros a virtude. Cícero passa assim a afirmar que a amizade existe somente entre “boni viri”, porque são os únicos a seguir no comportamento deles os ditames da natureza. Partindo, pois, do princípio da *oikeiosis* estoica (a amizade é uma expressão da inata tendência do homem à *societas*), Cícero ataca a concepção epicureia da amizade por ser baseada sobre a *utilitas*. Trata-se de um mal entendido grosseiro. Talvez tenha sido o epicurismo o único na antiguidade a desvincular o valor da amizade daquele da utilidade. Os estudiosos, ao procurarem a fonte principal do diálogo, acreditaram de tê-la encontrado no peri-

²⁴ XENOFONTE. *Memoráveis* II, 6, 21, p. 144.

²⁵ Cf. CÍCERO. *Da amizade* §20.

patético Teofrasto²⁶, de quem Cícero teria extraído muitos argumentos filosóficos. A partir de um testemunho de Aulo Gélío em *Noites Áticas*, de fato, emerge a notícia de que Cícero utilizou o *Peri philiás* do discípulo de Aristóteles: “Marco Cícero parece ter lido esse livro, visto que ele próprio também compusesse um livro *Da amizade*. E decerto os restantes pontos que se deviam adotar de Teofrasto ele considerou; conforme lhe foi o talento e a facúndia, tomou uns e transpôs outros muito conveniente e habilmente”²⁷. Cícero teria, portanto, reelaborado livremente o material de Teofrasto. Porém, a crítica mais recente considera que não sejam verificáveis as indicações de Gélío e duvida de que ele tenha lido Teofrasto. Por sua vez postula-se que as fontes principais do *Da amizade* encontram-se na seção dedicada à amizade do *Sobre o conveniente* do estoico Panécio de Rodes²⁸. Quatro elementos aparecem a favor de uma comprovação da tese:

1. A ambientação no Círculo de Cipião pressupõe que o espírito da abordagem não traia a filosofia seguida por Lélío e Cipião, a saber, o estoicismo moderado de Panécio;
2. Em *Dos deveres* Cícero não trata da amizade, mas remete ao *Da amizade* a pouco tempo composto: “Mas falamos da amizade em outro livro, que se intitula Lélío”²⁹. É provável então que também para o *Da amizade*, Cícero tenha utilizado a mesma fonte do *Dos deveres*: Panécio;
3. A doutrina de Panécio apresenta muitas e seguras influências de Aristóteles e Teofrasto;
4. A mensagem estoica que aparece no *Da amizade* não só é menos aguda que aquela do estoicismo tradicional, mas encontra-se em aberta oposição a ele. Também esta é uma característica de Panécio que se opõe ao rigor e a uma certa abstração dos estoicos mais ortodoxos.

²⁶ Discípulo e sucessor de Aristóteles na direção da Escola Peripatética de Atenas. Apenas sobreviveu uma fração de seus escritos, que gozaram de imensa popularidade. Seus interesses eram a pesquisa científica e a erudição.

²⁷ AULO GÉLIO. *Noites Áticas* I, 3, 11, p. 34.

²⁸ Panécio (c. 180-109 a.C.) nasceu em Rodes. Tornou-se discípulo de Diógenes de Babilônia em Atenas, e depois de Antípatro de Tarso, a quem sucedeu como diretor da *Stoa* em 129. Era amigo de Cornélio Cipião Emiliano, a quem acompanhou na embaixada ao Mediterrâneo Oriental em 140/139. Em física, rejeitou as doutrinas estoicas da divinação e do incêndio universal periódico. Sua ética privilegiava o progresso moral do homem, não do sábio.

²⁹ CÍCERO. *Dos deveres* II, 31, p.93.

REFERÊNCIAS

- ARISTOTELE. *Grande etica, Etica Eudemia*. Vol. 8. Traduzione di Armando Plebe. Bari: Editora Laterza, 1999.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da UNB, 2001.
- AULO GÉLIO. *Noites Áticas*. Tradução de José Rodrigues Seabra Filho. Londrina: EDUEL, 2010.
- BERNARDO, Isadora Prévide. "Apresentação e tradução à Epístola Ad Quintum Fratrem III, V e VI de Marco Túlio Cícero". *Cadernos de Ética e Filosofia Política FFLCH/USP* v. 15, n. 2, 2009, pp. 237-245.
- DIÔGENES LAËRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da UNB, 1977.
- MARCO TÚLIO CÍCERO. *Da amizade*. Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Souza. São: Paulo: Martins Fontes, 2001 (Coleção Breves Encontros).
- _____. *Dos deveres*. Tradução de Angélica Chiapeta. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MARCO TULLIO CICERONE. *Epistole al fratello Quinto e altri epistolari minori*. A cura di Carlo di Spigno. Torino: UTET, 2002.
- _____. *Opere Retoriche: De oratore, Brutus, Orator*. Vol. 1. A cura di Giuseppe Norcio. Torino: UTET, 1970.
- PANEZIO. *Testimonianze e frammenti*. Introduzione, traduzione e note di Emmanuelle Vimercati. Milano: Bompiani, 2002.
- PLATÃO. *Lísida*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora da UFPA, 2007.
- XENOFONTE. *Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas de Ana Elias Pinheiro. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2009.